



Danniele Miranda Bacila

Docente do Departamento de Engenharia
Química da UFPR



SOBRE



A Professora Dra. Danniele Miranda Bacila possui graduação em Engenharia de Alimentos pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2005), mestrado em Meio Ambiente Urbano e Industrial pela Universidade Federal do Paraná (2012) e doutorado em Engenharia de Alimentos pela Universidade Federal do Paraná (2019).

Desde 2022 é professora efetiva no Departamento de Engenharia Química (DEQ) da UFPR. Atua como vice-coordenadora da Pós-Graduação em Meio Ambiente Urbano e Industrial. Em 2015 atuou como professora substituta no DEQ. Possui experiência nas áreas de gestão, produtividade, qualidade e meio ambiente em indústrias multinacionais na área de alimentos, empresa de lâmpadas mercuriais e fundição de alumínio.

Tem diversas experiências internacionais na Inglaterra, Alemanha e China, bem como desenvolve pesquisas na área de energias renováveis. Também atuou em projetos de extensão como O Ar Que Respiramos e Projeto Engenharia Química na Sociedade.

INFORMAÇÕES DE CONTATO:



dannielemiranda@ufpr.br



[Currículo Lattes](#)



[Linkedin](#)



[Departamento de
Engenharia Química-DEQ-
UFPR](#)



REALIZAÇÃO:

PEQS - PROJETO DE EXTENSÃO ENGENHARIA QUÍMICA NA
SOCIEDADE



Você incentivaria os alunos a iniciarem na docência?



Sim, com certeza. Mas, primeiro, acho sempre importante o autoconhecimento com relação ao perfil profissional, então, você deve verificar se realmente tem aptidão para isso. Existe hoje, na pós-graduação, uma disciplina chamada “Prática de Docência”, onde você inicia uma atividade para verificar, na verdade, para demonstrar o teu conhecimento com relação àquela temática. Mas ali também é uma oportunidade de praticar a exposição de um tema, ter contato com os alunos, com uma sala de aula. Então, às vezes, você não tem ideia do quanto gostaria ou não. Nesse sentido, essa disciplina é interessante. De qualquer forma, eu incentivaria que os alunos fizessem alguma iniciação à docência.

Pode contar um pouco sobre a sua tese de doutorado que foi selecionada como melhor tese defendida e indicada ao CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)?



Bom, o objetivo da minha tese foi avaliar o efeito do processamento térmico sobre o conteúdo do resíduo químico utilizado na produção de aves de corte da categoria dos anticoccidianos, além de monitorar o produto de degradação desse resíduo químico. Quando eu estava definindo o tema, no início, procurei algo na área ambiental, relacionado ao tratamento de efluentes de abatedouro. Vi que esse tema já estava bastante explorado dentro dos conteúdos que eu havia proposto.

Foi então que decidi procurar a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária). Na Embrapa Florestas, me informaram que o que eu procurava era de competência de outra unidade da Embrapa, localizada em Concórdia, Santa Catarina, a umas oito horas de distância. Fui até lá, conversei com eles e expressei meu interesse em desenvolver algo prático dentro do escopo da unidade. Eles me apresentaram várias situações com problemáticas reais a serem resolvidas. Após isso, participei de várias reuniões e estudei o tema, até que desenvolvi uma proposta.

Lembro de ter sido bastante questionada nessas reuniões, pois elas envolviam análises críticas do tema. Até que eles se interessaram pelo tema que propus, falaram: “Realmente isso merece ser explorado, é de interesse da nossa unidade e a problemática é verdadeira”. Então, depois disso, eles me falaram que havia a necessidade de uma parceria entre a Universidade Federal do Paraná e a Embrapa Suínos e Aves. Enquanto eu estava cursando as disciplinas, corri atrás desse termo de cooperação técnica, que não era uma coisa garantida que sairia, pois envolvia a aprovação do Reitor da UFPR e da Chefe Geral da Embrapa Suínos e Aves.

No final, depois de uns seis meses tramitando, o termo foi assinado. Em meio a esse tempo, a Embrapa exigiu que houvesse um projeto aprovado que contemplasse a minha tese.

Nesses seis meses, eu estava cursando disciplinas e, na época, também era professora substituta no DEQ. Mas eu continuei, fazendo reuniões até que conseguimos elaborar um projeto na categoria do MP3, que é um dos investimentos mais altos que são disponibilizados lá. Ele foi aprovado na Embrapa Brasília, e foi um recurso de cerca de 317 mil reais liberado para realizar a minha tese, porque envolvia a produção de frangos de corte que seriam abatidos para gerar as amostras. Então, teria que haver todo um ambiente controlado para garantir que houvesse a contaminação daquele resíduo químico na carne, para então fazer as análises.

Outro detalhe: para o produto de degradação, após submeter a carne de frango a tratamentos térmicos, não havia um método na literatura, então eu tive que desenvolver um novo método para identificar aquele produto de degradação. Para o produto principal, havia um método, mas não para o produto de degradação, até porque eu estava encontrando algo novo, um achado. Só para desenvolver o método foram mais de seis meses e hoje ele é de interesse do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Foi publicado um capítulo de livro a respeito desse método recentemente.

Pode ser que ele venha a ser algo monitorado na carne de frango, se não agora, talvez no futuro.

Mas o que percebi com relação à minha tese é que foi um estudo aplicável, algo desenvolvido para resolver um problema real. É muito importante o avanço do conhecimento em todos os sentidos, mas acho que é diferente quando você desenvolve algo puramente teórico e quando você vê que está desenvolvendo algo prático e que está sendo aplicado e utilizado.

Defendi minha tese há seis anos, em 2019. Fiquei muito feliz com o reconhecimento que veio na sequência. A tese foi selecionada pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Alimentos como a melhor tese defendida naquele ano. Então, houve esse reconhecimento, e eu também fiquei feliz porque tive que morar em outro Estado, pelo menos por uns dois anos. Morei lá e realizava todas as análises laboratoriais. Também realizei parte das análises no parceiro da Embrapa, no Laboratório Nacional Agropecuário (Lanagro) do MAPA em Florianópolis.

Teve ainda essa parceria e esse aprendizado para mim, porque eu recebia treinamento, acompanhava e levava as amostras para lá. Imagine, eu viajava praticamente 14 horas de ônibus por semana ou mais. Para mim, foi um super reconhecimento a indicação e seleção da minha tese por um programa de Pós-Graduação conceito 6, para que ela pudesse concorrer ao prêmio da CAPES.

Dentre os pilares da universidade (Ensino, Pesquisa e Extensão), qual deles você mais gosta?



É difícil responder qual eu gosto mais. Eu gosto de todos, e eles são igualmente importantes. Mas acho que o ensino é o que mais me motiva para realizar a pesquisa e a extensão. Considero sempre importante distribuir nosso tempo e, como docente, é essencial tentarmos, na medida do possível, dar atenção a todas as áreas de forma igualitária.

**Mas dos três, você diria que tem mais experiência com qual deles?
Com qual trabalhou um pouco mais?**



Eu acredito que tenha experiência em todos de forma equilibrada.

E o que te motivou a começar o seu projeto de pesquisa atual?



O que me motivou foi a minha experiência na área ambiental e industrial. Também fiz meu mestrado em Meio Ambiente Urbano e Industrial, sempre gostei muito desse campo pois acredito que a área ambiental é algo extremamente importante e relevante a ser estudada.

As energias renováveis estão super em alta, mas devem ser trabalhadas com cuidado. A transição energética, das fontes não renováveis para as renováveis, precisa ser feita com planejamento e um olhar realista. Não podemos mudar da noite para o dia ou simplesmente descartar o que está sendo utilizado, pois há toda uma infraestrutura implantada. O foco deve ser realizar essa transição energética da forma mais adequada possível. Então, um projeto de pesquisa sobre o uso de energias renováveis seria algo para contribuir, nesse sentido.

Existe algum projeto de Iniciação Científica que você está realizando?



Sim, eles estão relacionados a esse projeto de energias renováveis. Um dos projetos de iniciação científica que tenho é relacionado à bioenergia, focado na produção de biogás a partir de resíduos de alimentos e lodo de estações de esgoto sanitário. O objetivo é buscar destinações para esses resíduos, gerando energia renovável, biogás e, conseqüentemente, energia elétrica a partir desse biogás.

Agora, também estou iniciando um estudo com outra aluna de iniciação científica, recentemente aprovada pelo PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), que vai conduzir um estudo com foco em energia solar. Então, tudo isso está conectado às energias renováveis: bioenergia, biogás e energia solar.

Você tem planos para futuras ICs?



Para futuras iniciações científicas, estou ampliando meu leque ainda dentro da temática de aproveitamento de resíduos para a geração de energia renovável.

Vimos que você já foi para a Ásia, você pode comentar um pouco sobre essa experiência?



Vou ter que começar a história bem no início. Eu estava trabalhando em uma fundição de alumínio e acabei assumindo a área ambiental. Fiz algumas auditorias e diagnostiquei que havia muitas oportunidades de melhoria. Resolvi assumir a área, mas percebi que precisava buscar mais conhecimento. Já havia uma especialização na UTFPR em gestão industrial, que abordava um pouco sobre gestão ambiental, mas resolvi aprofundar meus estudos. Foi daí que surgiu o mestrado no PPGMAUI, o Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente Urbano e Industrial, onde hoje estou como vice-coordenadora.

Esse programa de mestrado profissional possibilita que o aluno faça as aulas à noite e aos sábados. Na época, era somente às sextas à noite e aos sábados, o que era perfeito para mim, pois conciliava com meu trabalho na indústria. Eu não morava em Curitiba, vivia a 100 km de distância, mas viajava para estudar os dois dias integralmente em busca de conhecimento. Além de trabalhar e cursar o mestrado, eu também estudava idiomas; Na época, estava aprendendo alemão e mandarim.

Foi então que abriu o processo seletivo para ir para a Alemanha, para fazer um programa de dupla diplomação, similar ao sanduíche (Graduação Sanduíche é um tipo de intercâmbio onde o aluno cursa um ou dois semestres fora de sua instituição, seja no Brasil ou exterior.). Candidatei-me e acabei sendo aprovada em primeiro lugar.

Entendo que o principal motivo foi o projeto que propus, pois a Política Nacional de Resíduos Sólidos havia sido recém-publicada, e eu sugeri estruturar a logística reversa de lâmpadas mercuriais no Brasil, tomando a Alemanha como referência, que já estava muito mais avançada nesse aspecto.



A entrevista foi em inglês e alemão, e fui felizmente muito bem avaliada. Pedi licença do meu trabalho e fui para a Alemanha, onde fiquei por um período de oito meses.

Quando voltei, senti que a experiência foi extremamente enriquecedora. Fiz várias visitas técnicas e participei de um congresso internacional em Salzburg, na Áustria, que tratava de resíduos eletroeletrônicos, o tema da minha dissertação. Isso ampliou muito minha visão sobre a destinação desses resíduos e me ajudou a fazer excelentes propostas. Conversei com responsáveis do Ministério do Meio Ambiente, associações de recicladores, e todo o pessoal envolvido na gestão. Fiz a minha qualificação na Alemanha, defendi a dissertação no Brasil e decidi trabalhar em uma indústria de lâmpadas mercuriais para aplicar minha pesquisa. Depois de um tempo, encontrei uma oportunidade.

Nessa nova posição, fui responsável pela produção, qualidade e área ambiental. Consegui gerar um grande retorno financeiro para a empresa, e como reconhecimento, passei um período na China para auditar os fornecedores e aprimorar ainda mais o sistema que implementei. Na China, visitei mais de 18 fabricantes de lâmpadas mercuriais. Essa experiência foi engrandecedora do ponto de vista profissional, pessoal e cultural, eu diria.

Foi um grande desafio, especialmente porque meu mandarim era bastante básico. Tinha estudado por cerca de dois anos, focando na conversação, mas consegui me virar para realizar as auditorias e conversar com os fornecedores. Isso foi um belo reconhecimento da empresa, que me enviou para lá por conta dos resultados que produzi. Percebi como é importante esse reconhecimento: você produz resultados, a empresa te envia para o exterior para aprimorar suas habilidades, e você volta com uma outra bagagem, trazendo ainda mais resultados para a empresa.

A parte técnica é importante, mas também são essenciais as relações interpessoais. Enquanto estava na China, continuei gerenciando minha equipe à distância, que possuía mais de 30 pessoas. Como já havia formado as lideranças necessárias, consegui sair tranquila, mas continuei cuidando da minha área e trazendo novos conhecimentos.

O que mais me marcou dessa experiência foi o desafio de algo completamente novo e uma cultura totalmente diferente do que estava acostumada. É sempre importante, antes de viajar para o exterior, estudar um pouco sobre a cultura da região para saber quais são as abordagens mais adequadas, especialmente em auditorias. Além disso, é fundamental aprender pelo menos o básico do idioma local, pois nem todos falam inglês. Estar preparado é essencial.

Vimos que você tem várias extensões universitárias com a Universidade de Stuttgart, pode comentar um pouco sobre?



As minhas extensões universitárias estão relacionadas ao período que eu estive na Universidade de Stuttgart durante o mestrado e estão relacionadas aos idiomas que eu tive que cursar lá. Em destaque o idioma alemão, pois precisava para alcançar o nível mínimo exigido por eles e para também alcançar o melhor desempenho da minha pesquisa, ainda mais que houveram várias visitas técnicas. Estas visitas foram extremamente agregadoras, principalmente por conta da diversificação, já que a Alemanha, em vários aspectos, está mais avançada que o Brasil, assim foi possível ver várias tecnologias e trazer essas ideias para o nosso país.

Você recomenda que os alunos façam intercâmbio? Por quê?



Com certeza. Eu acho que é uma experiência super importante, que abre a mente e é onde você, digamos assim, fica por conta de si mesmo. Então você acaba tendo que se virar sozinho ali, em vários aspectos, descobrir várias coisas novas, e essas experiências ficam marcadas para o resto da vida de uma forma muito positiva, e as que não foram tão boas, elas também ficam como aprendizado. Acredito que tudo é válido e que ir pro exterior agrega muito, você pode ir dependendo da sua área de interesse ou outra experiência.



A experiência de trabalhar na indústria, eu acho que foi extremamente agregadora para a visão que eu tenho hoje. Então, ser uma docente que tem essa vivência na indústria me faz sentir mais confortável para dar vários exemplos com base nas vivências que tive. Posso dizer que tive experiências bem diferenciadas. Trabalhei em empresas familiares e multinacionais. As empresas familiares em que trabalhei não eram pequenas, tinham mais de 500 funcionários, mas a cultura da multinacional é muito diferente. Em ambas, recebi muitos treinamentos. Na multinacional, como meu foco lá era gestão, lá eu era responsável pela gestão de qualidade, produtividade, meio ambiente e segurança de 11 unidades industriais. Recebi muitos treinamentos, como os de relações interpessoais do Dale Carnegie (Autor do livro “Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas”, foi uma referência na área de negócios e lideranças), uma super referência, e o projeto chamado “Despertar Liderança Emocional”. Liderança emocional vale para tudo. Esses treinamentos de liderança e de saber se relacionar com as pessoas que recebi na multinacional foram um divisor de águas na minha carreira profissional. No começo, eu não entendia direito, mas depois percebi que precisava de ferramentas para desenvolver a parte técnica e obter a colaboração de todas as pessoas que estavam na minha equipe.

Eu estava na gestão corporativa. Para isso, passei por um processo de trainee. Participei de um processo seletivo a nível nacional, com milhares de candidatos. Depois, estando no corporativo, fui selecionada para fazer a gestão dessas unidades industriais. Lógico, era uma equipe, mas a minha área era produtividade, qualidade, meio ambiente e segurança. Essa experiência foi marcante, pois pude conhecer várias unidades fabris e trabalhar com pessoas muito competentes.

Também recebi treinamentos técnicos de profissionais que vinham de Israel. Para você ter uma ideia, lembro que a tradutora se atrasou e houve vários imprevistos. Acabei sendo a tradutora por uma manhã inteira do curso, que durou a semana toda. Foi uma surpresa, mas também uma experiência muito enriquecedora.

Tive que desenvolver confiança e me familiarizar com termos técnicos bem específicos. Aprendi a lidar com vários softwares específicos. Nessa multinacional e nas outras empresas em que trabalhei, consegui me desenvolver muito na área ambiental, pois cada vez mais eu via que a área era muito carente e que tinha muitos impactos importantes. Era uma área dinâmica, onde eu era desafiada constantemente, ainda mais em um cargo de gestão. Por mais que eu começasse em um cargo que não fosse de gestão, em pouco tempo já era promovida.

Lembro de uma empresa do setor automotivo, onde recebi treinamento para auditor líder nas normas necessárias para renovar ou implementar novas certificações. Trabalhar na indústria permite adquirir uma grande carga de conhecimento. Se você não gosta de ficar na mesma área, pode pedir para mudar, mostrando que pode contribuir em outros departamentos, o que é muito enriquecedor. Fazer auditorias também é algo que ensina muito sobre todas as áreas. Imagine auditar o setor financeiro, de compras, de recursos humanos, hoje chamado de gestão de pessoas. Isso agrega muito conhecimento.

A área em que você atua dita o quanto de conhecimento você vai agregar. Minha experiência na indústria foi bastante enriquecedora. Decidi entrar para a docência porque tinha o título de mestre. Busquei esse título porque precisava de mais conhecimento na área ambiental, pois enfrentei várias situações trabalhando com resíduos muito tóxicos e precisava de alternativas de tratamento viáveis, técnica e economicamente.

Durante uma crise em uma das indústrias, recebi uma oferta para uma vaga de professor substituto. Como eu tinha o título de mestre, pensei: "Vou tentar". Como eu ocupava um cargo elevado, sabia que gerentes e diretores são os primeiros a serem cortados em crises. Então, tentei. Confesso que não estudei, fiz com o que sabia, pois não tinha tempo, e passei em terceiro lugar para professor substituto. Depois de um tempo, me chamaram para ocupar o cargo. Foi meu primeiro contato com a docência.

Logo de cara, peguei a disciplina de Termodinâmica e me encantei. Isso foi há 10 anos. A partir dessa experiência, comecei a gostar muito da docência. Foi assim minha transição da indústria para a academia. Depois de um tempo, percebi a importância da pesquisa, e comecei o doutorado. Com o doutorado concluído, pude prestar concursos. Como eu já estava acostumada a ministrar treinamentos para minha equipe, gostava muito de passar conhecimento. Sinto que, em vários sentidos, trabalhar na indústria foi de muito valor para mim.

Quais são as principais diferenças de um estágio realizado na graduação em uma empresa e um probatório como docente?



Bom, ambos são preparatórios. É para você se preparar para uma oportunidade de efetivação. Eles têm essa similaridade e, a diferença é, talvez, a exigência. No estágio probatório você tenha um nível de exigência um pouco maior do que no estágio de graduação, mas acho que a responsabilidade é a mesma e o objetivo também. Se você olhar para o objetivo principal, o que um estágio da graduação e um probatório têm é um tempo de preparação, um tempo de aprendizado, e uma meta em comum, que é ser efetivado.

E quais são os principais desafios?



Eu acho que é você se ambientar, a integração. Aí é uma diferença que vejo em relação à indústria. Em todas as indústrias que eu passei, sempre teve um período de integração.

Por exemplo, você tinha 15 dias e o manual de integração do colaborador. Então você conhecia todos os departamentos, como funcionam, quais eram as suas atribuições, e você permanecia um tempo ali só circulando e conversando. Por exemplo, eu sentava com o pessoal do planejamento e controle da produção, ficava com eles três dias, observando as atividades deles, entendendo como funcionavam e a relação com a minha área. Então aqui, no meu primeiro estágio probatório, fiz uma observação construtiva que seria para o setor de gestão de pessoas.

Por exemplo, quando chego na universidade, o que são as pró-reitorias e depois todos os outros níveis hierárquicos, quais são as inter-relações. Também em relação ao conhecimento dos sistemas, dos programas e tudo que precisamos usar.

Se houvesse, por exemplo, esses 15 dias para você conhecer e circular nos locais relacionados com suas atividades, ou conhecer os laboratórios, nesse caso. Vai lá, conhece todos os laboratórios que existem, vê o que eles ofertam, olha: "Ah, eu trabalho com isso, com aquilo, posso contribuir aqui. Achei isso interessante", mas não apenas no departamento, mas em todos os outros departamentos. Ter essa visão ou ser direcionado para locais que podem ser úteis para a sua atuação.

Então, acho que aqui esse seria um dos desafios. A recepção do novo colaborador precisa ser repensada. Acho que falta talvez olhar para isso e desenvolver um modelo que seja efetivo e factível também. Senti falta disso porque, nas indústrias pelas quais passei, sempre havia essa integração do novo colaborador. Acho que isso te torna muito mais produtivo e motivado. Essa integração, esse acolhimento, esse conhecimento de como as coisas funcionam.

Você tem objetivos profissionais para o futuro?



Sim, um dos meus objetivos é fazer pós-doutorado. Provavelmente vai ser algo na área ambiental, mas ainda pretendo desenvolver um pouco mais as minhas pesquisas para propor uma temática para o meu pós-doc.

Tem alguma experiência profissional que você desejaria que todos os estudantes pudessem ter?



A experiência profissional de gestão e alguma de liderança. Eu acho que é algo desafiador e que agrega bastante. Porque você tem que ter uma visão holística de como aquele setor que você está administrando funciona e saber lidar com as pessoas.

Lógico que isso não vai ser o perfil de todos, mas eu acho que essa experiência vai te mostrar onde que você pode atuar ou não, e é algo que vai agregar também para a vida pessoal. Então eu acho que qualquer experiência com cargo de liderança é algo que eu recomendaria.

Na sua opinião, o meio científico ainda tem pouca representação feminina?



Depende da área. Houve uma melhora dessa questão de representação feminina com relação ao que a gente vê de como era o meio científico e a sociedade antigamente. Mas, por exemplo, eu mesma estava fazendo agora um trabalho no artigo de termodinâmica e verificando os marcos históricos e eu olho e analiso todas as contribuições e onde estão as mulheres ali naquela época? Não apareciam muitos nomes, praticamente nenhum. O que consegui verificar eram coautorias ou que elas muitas vezes encabeçavam os trabalhos, mas não eram reconhecidas. Faziam mesmo, tomavam frente, mas aquele grande trabalho não era atribuído a elas por ser uma mulher. Eu fiz um resgate histórico e encontrei uma pessoa, uma mulher, que fez uma grande contribuição. Tiveram algumas situações complicadas no passado, mas hoje a gente já tem um cenário muito melhor, não ideal, mas muito melhor.

Qual mulher é sua maior inspiração no meio científico?



A minha maior inspiração é Marie Curie. Até utilizo uma frase dela nas minhas redes sociais. Acho importante todos saberem o que Marie Curie fez.

O que me inspirou na biografia dela, além da grande contribuição científica que trouxe para a humanidade, foi o amor pelo ensino. A biografia relata isso. Ela dedicava pelo menos uma tarde na semana, junto com outros colegas de grande renome, para compartilhar conhecimento.

Ela até criou um projeto para passar conhecimento para crianças de uma determinada faixa etária que eram das vizinhanças. Chamava todas as crianças e adolescentes e compartilhava seus conhecimentos de física. Eram aulas programadas, com conteúdos semelhantes aos da educação regular, mas ensinados de forma prática. Ela construía dispositivos junto com as crianças para explicar os fenômenos físicos.

Isso, para mim, é muito inspirador, porque acho que é dessa forma que devemos passar o conhecimento: despertando o interesse dos alunos, mostrando a aplicação prática das coisas.

Tendo o domínio que ela tinha para explicar os fenômenos físicos, talvez tenha sido nesse sentido que ela disse uma frase que, para mim, é uma inspiração: "Cada pessoa deve trabalhar para o seu aperfeiçoamento e, ao mesmo tempo, participar da responsabilidade coletiva pela humanidade." Acho essa visão muito profunda e motivadora. Saber que alguém como ela reconhecia a importância de buscar mais conhecimento e de encontrar formas de transmiti-lo é inspirador. Se preocupar com o próprio aperfeiçoamento, mas também com a contribuição para o crescimento da humanidade, parece ser uma meta de vida para ela e, de todas as mulheres no meio científico, ela é a minha inspiração.

O que você diria para os alunos que estão começando a cursar engenharia química agora?



Eu diria: façam um planejamento estratégico. Acho que isso é muito importante para tudo que fazemos na vida. Isso nos ajuda a organizar. Você traça suas metas, o que deseja alcançar. Por exemplo, se quer fazer iniciação científica, ou participar de outras atividades extracurriculares que sejam importantes para você, precisa equilibrar tudo isso com as disciplinas. Então, é necessário um planejamento, uma organização.

Mais do que isso, é importante fazer um mapeamento das suas competências, ou seja, um autoconhecimento. Eu diria: faça esse exercício de autoconhecimento, identifique seus gaps (vãos), suas lacunas de conhecimento, e busque preenchê-las. Há muitos cursos ofertados na própria engenharia química, como o PET (Programa de Educação Tutorial).

A engenharia química é um curso maravilhoso, muito amplo, e oferece muitas oportunidades no mercado de trabalho. No entanto, é um curso exigente, e para atender a todas as demandas, o primeiro passo é conhecer o curso. Para isso, é importante se encantar por ele. Além disso, recomendo assistir às defesas e projetos de conclusão de curso dentro do projeto de extensão da professora Elaine Vosniak Takeshita (Docente do Departamento de Engenharia Química), intitulado de "Engenharia Química na Sociedade". Isso ajuda a entender melhor o que um engenheiro químico pode fazer.

Sugiro também que participe de atividades extracurriculares, como iniciação científica. Mesmo que uma atividade não seja de seu interesse, você pode adquirir novas habilidades e competências, especialmente em pesquisa. Idiomas são outro ponto importante: se já tem um bom nível, mantenha; se não, aproveite para correr atrás, pois as oportunidades mais interessantes geralmente exigem isso. A universidade também oferece oportunidades nesse sentido.

Essas são algumas das minhas dicas. A engenharia química é um curso muito bom, que traz muitas vantagens para quem se dedica e chega ao final com uma bagagem suficiente para aplicar o conhecimento e se tornar um bom profissional.

ENTREVISTA CONCEDIDA NO DIA 05/08/2024

ENTREVISTADORES:

Giordano de Mari de Vargas - Discente de Graduação em Engenharia Química na UFPR;

REDAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO:

Ana Clara Osinski - Discente de Graduação em Jornalismo na UFPR;

Pedro Ogata Scapinelli - Discente de Graduação em Engenharia Química na UFPR;

REVISÃO DO TEXTO:

Ana Clara Osinski - Discente de Graduação em Jornalismo na UFPR;

Giordano de Mari de Vargas - Discente de Graduação em Engenharia Química na UFPR;